



“PODERIA TER SIDO VOCÊ”: CIDADANIA E PERIFERIA

Alda Cristina Silva da Costa¹
Célia Regina Trindade Chagas Amorim²
Adriana do Socorro Campos de Lira³

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre a ressignificação dada pela periferia sobre sua realidade nas produções comunicativas, para além da imagem negativa construída pela mídia hegemônica. Tomamos como objeto de análise o vídeo “Poderia ter sido você”, produzido pelo *Coletivo Tela Firme*, movimento originário do bairro da Terra Firme, considerado pelo Estado e grande mídia como um dos mais violentos da capital paraense. Argumenta-se que ao elaborar produtos independentes, o Coletivo objetiva alternativas de cidadania e de empoderamento na sociedade buscando reconfigurar o olhar sobre a periferia e ultrapassar o discurso simplista e descontextualizado da violência local como uma única matriz possível no falar sobre o bairro. O vídeo relata as chacinas ocorridas no período de 1994 a 2014

PALAVRAS-CHAVE: *Alternativas de Cidadania. Coletivo Tela Firme. Empoderamento.*

ABSTRACT: This article aims to reflect about the resignification given by the periphery about its own reality in communicative products, beyond the negative image constructed by the hegemonic media. As an object of analyses, we chose the video “It could have been you”, produced by the *Coletivo Tela Firme*, a movement that originated from Terra Firme neighborhood, considered by the State and the mainstream media as one of the most violent neighborhoods in the capital of Pará State. It’s argued that in developing intelligent products, the *Coletivo Tela Firme* aims at alternatives for citizenship and empowerment in society, seeking to reconfigure the view on the periphery and to overcome the old and ordinary speech about the local violence as the only possible matrix when speaking about the neighborhood. The video reports the massacres that happened between 1994 and 2014.

KEYWORDS: *Coletivo Tela Firme. Citizenship Alternatives. Empowerment.*

¹ Prof.^a Dr.^a do Programa de Pós graduação de Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), da UFPA. Professora da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal do Pará–UFPA. Coordenadora dos projetos Mídias e Violência. Cnpq-UFPA. E-mail: aldacristinacosta@gmail.com.

² Professora Doutora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Projeto e do Grupo de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq/UFPA. Email: celia.trindade.amorim@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Ciências da Comunicação da UFPA, Especialista em Docência do Ensino Superior). Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia Alternativa na Amazônia Email: adrilira@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Na década de 1950, período em que o país vive as transformações da segunda etapa de sua industrialização, as capitais brasileiras, incluindo Belém, vão sofrer mudanças na sua configuração. Nesse momento, constata-se um intenso êxodo rural com o deslocamento de um número considerável de pessoas para as capitais em busca de melhores condições de vida.

A disputa por esse espaço e os elevados custos econômicos para se manter nele fizeram com que uma grande parcela dessa população se locomovesse para os arredores do centro, em busca de sobrevivência. Esse processo fez surgir no país um novo tipo de segregação, caracterizado por centro e periferia. Ou seja, de acordo com Ojima (2005, p. 8), “as camadas de baixa renda são segregadas para espaços periféricos da cidade, onde o acesso à terra é facilitado pelo baixo valor dos lotes como consequência da ausência de infraestrutura básica”.

Em linhas gerais, segundo Santos (2007, p. 76), “a periferia passa a ser entendida (...) como locus da segregação imposta às classes pobres”. Mas também a periferia não é somente isso, é espaço que se torna cada vez mais plural, “bem como os seus conteúdos, revelando novas práticas socioespaciais, novas formas de diferenciação e segregação urbana”. (LOPES; RAMIRES, 2009, p. 56).

Essa breve contextualização objetiva demarcar que para a mídia hegemônica há uma cristalização dessa periferia, ou seja, a não percepção de transformação que sofreu esse espaço urbano e as interações criadas com o centro. Nas narrativas jornalísticas, a periferia nunca muda, continua sendo o local da violência, de morte e de pobreza.

Ao lado dessa estigmatização da periferia observamos a importância de se refletir sobre a relação desse espaço e a cidadania. Cidadania é “tão ou mais antiga quanto às primeiras comunidades sedentárias e define o status do indivíduo em uma sociedade” (GONCZEWSKI E MARTIN, 2011, p. 27)⁴.

Tal realidade se justifica no fato de que a construção da cidadania é um processo lento e que ainda precisa ser consolidada. Sua plena efetivação, no que diz respeito aos

⁴ Clóvis Gonczewski e Núria Belosso Martin são autores da obra *A Necessária Revisão do Conceito de Cidadania: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. Texto eletrônico. Disponível em: http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F199230%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2Fprotagonismo%20e%20movimento%20sociais.pdf. Acesso 23 de jun. de 2016.

Direitos Humanos do Homem e do Cidadão, que “consistem na liberdade, no direito à propriedade, na segurança e resistência à opressão” (GOHN, 2013, p. 167)⁵, “ainda não se realizou e permanece sendo um ideal dos povos” (LUCKESI, 1986, p. 131)⁶.

A cidadania está prevista em inúmeras leis, uma delas é a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que no artigo 7º destaca:

“Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948, art. 7º)⁷.

Em se tratando de Brasil onde “as relações desempenham um papel predominante e crítico na definição da ordem social” (LIMA, 2006, p. 12)⁸, sua real concretização se torna ainda mais complexa. Para Gohn (2013, p. 22), “a possibilidade de emancipação fica confinada aos espaços de resistência existentes” e geralmente é na periferia que o fenômeno se manifesta. Essa busca por uma autonomização do indivíduo é fomentada por ações coletivas provenientes de iniciativas de grupos que atuam em várias frentes e vertentes.

E no contexto dessa realidade que surge o *Coletivo Tela Firme*, originário do bairro da Terra Firme, periferia de Belém do Pará. O trabalho do grupo consiste na produção de vídeos caseiros que narram temas diversificados e de interesse público como política, arte, cultura e educação. Após a produção, esse material é distribuído no canal *YouTube*⁹ e na página do *facebook*¹⁰, na rede mundial de computadores.

O Coletivo atua com uma proposta de comunicação alternativa e tem como foco a busca pela cidadania, assim como a grande imprensa em geral. No entanto, a

⁵ A obra *Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo*, da socióloga Maria da Glória Marcondes Gohn, é uma síntese de 40 anos de experiência em estudos, pesquisas e reflexões sobre movimentos sociais.

⁶ Este trabalho de Cipriano Carlos Luckesi (1986) é um artigo científico publicado nos anais do 18º Seminário de Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro: 1986.

⁷ Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2016.

⁸ A citação foi retirada do artigo “Comunicação, Poder e Cidadania” de Venício A. de Lima. O texto foi referência na palestra proferida na abertura da Semana Acadêmica de Comunicação Social do Ielusc, Joinville, SC, em 16 de outubro de 2006.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/telafirme/videos>.

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=tela+irme.

abordagem do movimento é pragmática quando se trata da conscientização sobre o papel que cada sujeito pode exercer como cidadão.

Com base nessa discussão, que envolve questões como a comunicação e cidadania, emancipação e consciência coletiva, esta investigação se propõe refletir sobre a ressignificação dada pela periferia sobre sua realidade nas produções comunicativas, para além da imagem negativa construída pela mídia hegemônica. Tomamos como objeto de análise o vídeo “Poderia ter sido você”, produzido pelo Coletivo Tela Firme. Argumentamos que ao elaborar produtos independentes, o Coletivo objetiva alternativas de cidadania e de empoderamento na sociedade buscando reconfigurar o olhar sobre a periferia e ultrapassar o discurso simplista e descontextualizado da violência local como uma única matriz possível no falar sobre o bairro.

O vídeo “Poderia Ter sido você” relata as chacinas ocorridas na região metropolitana de Belém, no período de 1994 a 2014. Trata-se de execuções de moradores da periferia que também tiveram uma grande cobertura da grande mídia de Belém do Pará.

Na perspectiva deste trabalho, o termo empoderamento remete a uma busca de consciência coletiva na tentativa de criar entre as pessoas que residem no bairro um sentimento de pertencimento, valorização do espaço onde moram, e neste sentido, se sintam capazes de ir em busca da sua cidadania.

Este artigo tem como fundamentos a pesquisa bibliográfica e análise qualitativo-descritiva. Na primeira se contextualizará os estudos de cidadania e de mídias alternativas importantes para a compreensão do objeto investigado. Já a segunda “os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (Kauark, Manhães e Medeiros, 2009, p. 26)¹¹.

Para Creswell (2007, p. 26), o processo da pesquisa qualitativa a “análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador a cerca dos significados dos dados”.

¹¹ Metodologia da Pesquisa: um guia prático dos autores Fabiana da Silva Kauark, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros, disponível em:
<http://www.pgcl.uenf.br/2016/download/LivrodeMetodologiadaPesquisa2010.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2016.

Nesta perspectiva a metodologia qualitativa é fundamental para penetrar e compreender o significado e a intencionalidade das falas, vivências, valores, percepções, desejos, necessidades e atitudes identificadas a partir da análise do vídeo.

O EMPODERAMENTO, JOVENS E PRÁTICAS DE CIDADANIA

O termo empoderamento, “foi criado por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, por volta de 1964” (Freire, 1979, p. 15) e já foi tema de inúmeras pesquisas nas mais diversas áreas como a de saúde, psicologia, educação, comunicação. O vocábulo pode ter várias compreensões como *empowerment* ligado à classe social (Freire, 1986), autonomia (Horochovski, 2006), cooperação mútua (Contreras, 2012), emancipação social (Baquero, 2012), que remetem a uma reflexão sobre o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos sociais. Pode ser entendido também como um processo onde podem ocorrer transformações significativas nas relações sociais, políticas, culturais, econômicas e de poder.

Freire (1986)¹², cita o termo em inglês (*empowerment*), e esclarece que quando relacionado à classe social sua compreensão também remete à “questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político” (1986, p.72). Para o mestre filósofo, o que faz o empoderamento ser muito mais que um instrumento individual, é que ele indica um processo histórico político e social onde as classes dominadas buscam se libertar da dominação. Freire é ainda mais incisivo quando ressalta que esse empoderamento é essencial no sentido de despertar nesses jovens a percepção crítica da realidade, “é absolutamente necessário para o processo de transformação social” (1986, p.71), mas deixa claro que ainda não é suficiente.

Para Gohn (2004), os estudos sobre empoderamento (ou *empowerment*), não têm um caráter universal e destaca dois sentidos da categoria mais analisados em pesquisas no Brasil.

Tanto poderá estar referindo-se ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas

¹² Este texto de Paulo Freire está presente na obra *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B3GQrRvm4KXONWo0Y3pXX0JmTTQ/view?pli=1>. Acesso em: 31 de maio de 2016.

(material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social); como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e de mandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc., em sistemas precários, que não contribuem para organizá-los – porque os atendem individualmente, numa ciranda interminável de projetos de ações sociais assistenciais. (GOHN, 2004, p. 23).

A pesquisadora cita que a diferenciação desses dois tipos de processos e seus resultados é determinada por vários fatores, “mas o principal deles é a natureza, o caráter e o sentido de projeto social da(s) instituição (s) que promove (m) o processo de intervenção social” (GOHN, 2004, p. 23). É nesse contexto que esta pesquisa se configura ao analisar o objeto de investigação, ou seja, buscando compreender qual é o sentido de empoderamento usado pelo Coletivo.

Nesse sentido, observamos que o *Coletivo Tela Firme* propõe uma conscientização do poder de participação, opinião e decisão, das pessoas que residem no bairro como um meio de resistência e dessa forma promover a emancipação individual e coletiva e maior inserção das vozes dos moradores sobre sua realidade.

O vídeo produzido “Poderia ter sido você” se constitui assim, na nossa análise, como uma mídia alternativa, conforme escreve Downing (2004, p. 33)¹³, como uma mídia radical “que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”. Neste contexto, a produção audiovisual do *Coletivo Tela Firme* pode ser uma importante ferramenta de empoderamento social.

Amorim (2007, p. 11)¹⁴, ressalta que “os sujeitos engajados neste tipo de mídia estão ligados com propostas de ação crítica no meio social”, pois segundo a estudiosa, a iniciativa do *Coletivo Tela Firme*, é uma forma de comunicação importante no processo de democratização da região.

Logo, percebe-se a importância desse tipo de comunicação, que segundo Peruzzo (2009)¹⁵, é fomentado “no intuito de exercitar a liberdade de expressão e como

¹³ Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais (Senac, 2004, 544 páginas), do pesquisador britânico John Downing, traz uma rica contribuição conceitual sobre mídia radical alternativa (é como ele denomina a mídia em geral de pequena escala que se manifesta de diferentes formas).

¹⁴ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/ImprensaMidia%20Alternativa%20Uma%20reflexao%20sobre%20o%20tema.pdf>.

¹⁵ Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2016.

instrumento de conscientização para alavancar o processo de democratização da informação, de modo a contribuir para a transformação social” (2009, p. 132).

A cidadania é uma temática que não perde sua relevância e na atualidade continua sendo referência para muitos pesquisadores. Pinsky e Pinsky (2013), Bandeira, (2011) e Gonczewski e Martin (2011), são autores contemporâneos que trazem novas discussões sobre a questão, sem, no entanto, desprezar o contexto histórico da cidadania, lembrando que o termo serviu de base para muitos pensadores definirem “a ideia de democracia, de participação popular nos destinos da coletividade, de soberania do povo, de liberdade do indivíduo” (PINSKY E PINSKY, 2013, p. 29).

Para Bandeira (2011), “o conceito de cidadania está associado à participação política, às decisões daquilo que é público, à vida em comunidade, que só se torna possível com o surgimento das cidades-estado” (BANDEIRA, 2011, p. 572)¹⁶. Já segundo Gonczewski e Martin (2011), como a construção da cidadania é histórica e com a extensão de direitos ela “vai assumindo diferentes formas nos diferentes tempos e contextos sociais, prestando-se a diversas interpretações para justificar diversas situações ideológicas” (GONCZEWSKI E MARTIN, 2011, p. 27).

Com base nas concepções dos autores, pode-se observar que apesar da cidadania ter origem na idade clássica, é somente no século XVIII, com as Revoluções Americana e Francesa que o homem começa a tomar consciência de sua inserção na história e das transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas na época. É a partir desse período que surgem os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, “direitos que vão sintetizar a natureza do novo cidadão e essas as palavras de ordem dos que amotinaram contra as opressões das quais há séculos padeciam” (PINSKY E PINSKY, 2013, p. 163).

Marshall (apud Varela, 2011; Gonczewski e Martin, 2011), cita três elementos que englobam a constituição da cidadania: o direito civil (direito do indivíduo), o direito político (conquista de direito a voto, participação) e o direito social (saúde, educação, trabalho e moradia). Os conceitos definidos pelo sociólogo levam a uma reflexão sobre quem é o cidadão na atualidade, pois com a globalização “as comunidades rapidamente transformaram-se de nacionais, monoculturais, monoéticas e monoreligiosas para

¹⁶ Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/2327/1424>. Acesso em 21 de junho de 2016.

comunidades globais, multiculturais, multiétnicas e multireligiosas” (GONCZEWSKI E MARTIN, 2011, p. 16). Observa-se que todas essas mudanças alteram as características clássicas da concepção de cidadania e tornam a compreensão da realidade social mais complexa para analisar esse fenômeno.

Tendo em vista os diversos aspectos que envolvem a temática é importante destacar também como esse processo de construção da cidadania se deu no Brasil. Segundo Lima (2006), no país como em muitos outros em desenvolvimento, tem se caracterizado mais pela ausência do que por práticas efetivas de fato. Para ele, “fala sempre mais alto a estrutura de classes onde prevalece a desigualdade e a hierarquia” (2006, p. 14).

“PODERIA TER SIDO VOCÊ” E A VOZ DA PERIFERIA

A comunicação é fundamental no processo de construção da cidadania, tendo em vista a busca por uma emancipação e autonomia frente à realidade de exclusão, geralmente, vigente em comunidades da periferia. Para Varela (2007, p. 35)¹⁷, “a comunicação é uma questão essencialmente social” e um fator de desenvolvimento que tem como objetivo interpretar e comunicar a realidade.

É importante que se questione o papel da comunicação na construção da cidadania, principalmente se se deseja que a pessoa usufrua a condição de ser cidadão como sujeito, construindo e constituindo-se como ser autônomo, enquanto ser único resultante do coletivo. (VARELA, 2011, p. 23).

Tal concepção é uma das perspectivas suscitadas na produção audiovisual “Poderia ter sido você”, ou seja, na narrativa do vídeo os vários discursos remetem a reflexão exposta por Varela (2011). E nesse intuito que o *Coletivo Tela Firme*, por meio do trabalho que realiza, tenta conscientizar sobre o papel que cada indivíduo pode exercer na luta contra a dominação e o estigma impostos à periferia.

Localizado na periferia de Belém do Pará, o bairro da Terra Firme é um dos mais populosos do município, com 61.439 habitantes (IBGE, 2010) serve como objeto

¹⁷ Ainda Varela é professora associada do Instituto de Ciência da Informação (ICI), da Universidade Federal da Bahia. Área de atuação: Ciência da Informação, Cognição, Mediação e Construção do Conhecimento.

de programas de caráter popular ou de narrativas de violência (Costa, 2011)¹⁸ que potencializam o estigma de bairro violento. Os rótulos são vários e ficam impregnados tanto em quem reside, quanto em quem não reside no lugar. Essa realidade influencia diretamente na vida das pessoas, pois cresce o preconceito para com a comunidade local. A imagem do bairro foi construída socialmente ao longo de seu processo de ocupação. Na concepção de Silva e Sá (2012)¹⁹, a concentração demográfica que se intensificou no local desde a década de 1990 ocasionou inúmeras questões sociais, ocasionadas principalmente pela ausência de políticas públicas na comunidade que implicam em problemas como o desemprego, a habitação social, a falta saneamento básico e infraestrutura em geral. Problemáticas comuns do sistema capitalista e que também influenciam no processo de segregação sócio espacial da sociedade. No entanto, tal realidade não justifica o olhar marginalizado sobre a periferia.

O vídeo “Poderia ter sido você” é um dos mais recentes trabalhos do *Coletivo Tela Firme*, produzido em 2015 e relata a violência policial contra jovens pobres nos bairros periféricos, ou seja, as chacinas que ocorreram em Belém, no distrito de Icoaraci e na região metropolitana, no período de 1994 a 2014, crimes que foram focos das lentes da grande mídia e do *Coletivo Tela Firme*.

No primeiro caso, ocorrido em 1994, no bairro do Tapanã, três adolescentes foram torturados e mortos logo após o assassinato de um cabo da Polícia Militar. Segundo transcrições encontradas no Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito das Milícias – CPI (2014), os crimes foram testemunhados por pelo menos seis pessoas que participaram do inquérito policial. Nele consta também que 20 policiais militares foram denunciados por envolvimento na ação criminosa.

Em 2011, duas chacinas chamaram a atenção de Entidades de Defesa dos Direitos Humanos do Estado como a Sociedade Paraense de Direitos Humanos – SDDH, e da sociedade de forma geral. Em Santa Izabel do Pará, região metropolitana de Belém, sete pessoas de uma mesma família foram assassinadas, no bairro Novo Horizonte, na madrugada do dia 27 de agosto. Uma das vítimas ainda foi socorrida com

¹⁸ Costa, A. C. (2011). A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In M. A. Malcher, N. S. Seixas, R. L. Lima, & O. Amaral Filho (Eds.), *Comunicação Midiatizada na e da Amazônia* (pp. 179-204). Belém: FADESP

¹⁹ Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/3049>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2016.

vida, mas não resistiu aos ferimentos. Os acusados também eram policiais militares. No distrito de Icoaraci, as vítimas foram seis jovens que conversavam na rua Padre Júlio Maria, quando foram abordados por duas pessoas em uma motocicleta. Um deles um ex-militar, já condenado a 120 anos de prisão.

Na capital paraense, os bairros do Guamá e da Terra Firme viraram cenário de crimes também com características de extermínio, que resultou na morte de pelo menos nove pessoas. Os assassinatos ocorreram no mês de novembro de 2014, logo após o assassinato de um policial militar.

O vídeo, com cerca de nove minutos de produção, faz a abordagem dessas chacinas e ganhou destaque na internet, através da página do Coletivo no *Youtube* e no *Facebook*. O trabalho do coletivo serviu de pauta para os veículos de comunicação local e nacional, e de outras mídias alternativas e foi usado também como ferramenta pedagógica em escolas da rede pública de ensino, localizadas no próprio bairro como a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro Fontenele, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Mateus do Carmo e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa.

Na produção audiovisual o sentido de cidadania é exercitado já no título “Poderia ter sido você”, uma forma de chamar a atenção para a violência das grandes cidades e não como produto exclusivo das periferias. Na narrativa fílmica os jovens, na condição de atores, fazem uma interpretação em que assumem a identidade de cada vítima da chacina. A finalidade é transmitir uma mensagem de forma direta, “poderia ter sido você”, ou seja, todos podem ser vítimas da violência, assim como esse problema social é de todos; por outro lado há jogos de sentidos que remetem à alteridade, isto é, que cada pessoa poderia se colocar no lugar da outra.

No vídeo, os jovens procuram olhar as diferenças do outro, suas características e especificidades, ou seja, a maioria das vítimas era adolescente, morador da periferia e como tal carregava o estereótipo da marginalidade imposta pela grande mídia e pela própria corporação policial.

Na análise observou-se que o grupo contextualiza a chacina não utilizando como método a forma sensacionalista, como é comum na abordagem da mídia hegemônica, mas procurando evidenciar o direito à vida e que as vítimas eram cidadãos, tinham nome, família e, principalmente, uma história. Um exemplo é o caso do adolescente

João Paulo, de 16 anos, uma das seis vítimas da chacina de Icoaraci. Segundo informações divulgadas na edição *online* do *Diário do Pará*, um dos veículos responsáveis em reproduzir narrativas sensacionalistas e espetacularizadas do crime (Costa, 2011), o rapaz era o terceiro de quatro filhos, ele morava com a avó no bairro do Tenoné, também na capital. A mãe o levou para morar em Icoaraci, justamente, com medo da violência.



Figura 1: O personagem da foto é um dos jovens do *Coletivo Tela Firme* que representou a vítima João Paulo na produção audiovisual.
Fonte: Imagem reproduzida do vídeo “Poderia ter sido você” (2015)²⁰.

Na voz do personagem que representou João Paulo e dos outros que interpretam as vítimas, destacam-se as seguintes declarações:

Isaac Airton: Éramos moradores do Distrito de Icoaraci.

Paulo Vitor: Aqui na rua Padre Júlio Maria era o nosso *point*.

Gabriel Rodrigues: Era uma noite normal do dia 19 de novembro. Estava com meus amigos e com meu primo Samuel.

Lenilson Rodrigues: Estávamos conversando de boa... Tranquilamente.

João Paulo: Mas de repente, dois homens em uma moto que se identificaram como policiais e mandaram a gente virar de costas para a rua.

Samuel: O pior aconteceu... Fomos todos executados, convardemente. (“Poderia ter sido você”, 2015).

Eduardo Chaves, de 16 anos, morador do bairro da Terra Firme, foi executado quando voltava para casa. Segundo informações da família, o jovem estava com a

²⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=tela+irme. Acesso em: 15 de abril de 2016.

namorada quando foi abordado pelos criminosos. Os criminosos mandaram a moça se afastar ou também seria mais uma vítima.



Figura 2: A personagem da foto que representou a vítima Eduardo Chaves, no vídeo “Poderia ter sido você” é integrante do *Coletivo Tela Firme*.

Fonte: imagem reproduzida do vídeo “Poderia ter sido você” (2015)²¹.

Em sua interpretação, a jovem também destaca indignação e repulsa à criminalidade: “Sou Eduardo Chaves, tenho 16 anos, fui covardemente executado” (“Poderia ter sido você”, 2015). Esse *modus operandi* é utilizado em todos os 23 depoimentos encenados para narrar as histórias de vidas de cada vítima. Nas abordagens identificamos um discurso não apenas contra a violência, mas também com intuito de chamar atenção para o olhar sobre o outro de uma forma mais humanitária.

Na abordagem feita pelo Coletivo no vídeo “Poderia Ter Sido Você”, observa-se ainda que o grupo tenta provocar uma mudança de conduta profissional, especificamente, da grande mídia, que opera com o princípio da linguagem sensacionalista e antidemocrática. Cria conceitos, geralmente, baseados apenas em suposições que “tem servido para lançar todo tipo de insinuações, acusações, ilações, generalizações e suspeições, ao mesmo tempo em que dissimula a responsabilidade do jornalista responsável pela matéria” (LIMA, 2006, p. 15).

A narrativa feita no vídeo pode remeter a vários questionamentos em relação às vítimas das chacinas, como por exemplo, pelo fato de morarem em bairros considerados “perigosos” isso teria influenciado para que essas pessoas fossem identificadas como possíveis criminosas? Como os familiares das vítimas enfrentam essas perdas? Quais

²¹ Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=tela+irme. Acesso em: 15 de abril de 2016.

sonhos foram interrompidos? Que perspectivas esses jovens tinham? O que o Estado fez para reparar essas vidas?

Observa-se também que a produção Coletiva dos jovens intérpretes tem como foco principal a valorização da vida, trata-se de um vídeo-protesto contra assassinatos de jovens pobres que passaram a ser frequentes nas periferias do país. Por meio dessa narrativa reflexiva, de matriz contra hegemônica, o grupo tenta despertar a consciência não só dos moradores do bairro como também de qualquer pessoa que assiste ao vídeo na web. Em outras palavras: tem o poder de empoderar não só os jovens que participaram da iniciativa como também de outras pessoas do bairro e outros que assistem ao documentário.

O empoderamento é no sentido de fortalecimento social e de poder, para que os jovens tomem consciência do espaço onde residem, o que nas palavras de Freire (1979, p.15) é fundamental para que “os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo”.

Somente como sujeito, o homem, consciente de si e da sociedade, consegue questionar e quebrar os processos disciplinares existentes (FOUCAULT, 2001)²². Logo, compreende-se que é preciso capacitar esse sujeito para questionar a dominação (GRAMSCI, 2010)²³ e desenvolver sua autonomia para contribuir com a sociedade. Por meio dessa prática comunicativa o Coletivo tenta “contribuir para a mudança social e a ampliação dos direitos de cidadania” (PERUZZO, 2009, p. 4).

Nessa busca de empoderamento, autonomia e emancipação da comunidade da Terra Firme, o Coletivo não se limita apenas na produção audiovisual, nas parcerias com projetos sociais, institucionais e culturais, o grupo também realiza palestras com a comunidade e ações de conscientização. Nesta perspectiva fomenta uma série de iniciativas em prol dos direitos humanos. O que podemos definir como práticas de cidadania, seja nas relações cotidianas, quanto nas ações comunitárias que visam promover o bem estar social.

²² O livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault teve sua primeira edição publicada em 1975. A obra faz uma análise genealógica da evolução histórica da legislação penal, da coerção e punições adotadas pelo poder público na repressão de condutas consideradas criminosas.

²³ Antônio Gramsci escreveu *Cadernos do Cárcere* (conjunto de 29 cadernos), no período em que ficou prisioneiro na Itália, no período correspondente entre os anos de 1926 e 1937. A obra só começou a ser redigida em 1929.

Existente desde maio de 2014, o *Coletivo Tela Firme* conta com apoio de uma equipe formada por 10 pessoas, tem caráter social e atua sem fins lucrativos. Até 2015, o Coletivo produziu em média dois vídeos por mês, o que resultou num total de 20 trabalhos finalizados e postados no canal do *Youtube* e na página do grupo no *Facebook*. Vale ressaltar que os vídeos já foram acessados por mais de 30 mil pessoas. A análise feita nesta investigação é pautada em uma única produção do grupo, no entanto, todo trabalho do *Coletivo Tela Firme* pode ser encontrado nos endereços eletrônicos já destacados neste trabalho (ver página 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empoderamento social pode ser uma forma de emancipação e autonomia, a partir de produções comunicativas que deem voz à periferia, ouvindo e inserindo os sujeitos na construção do lugar ou do bairro. É com esta perspectiva que percebemos as narrativas do audiovisual “Poderia Ter Sido Você”, produzido pelo *Coletivo Tela Firme*, numa leitura crítica e reflexiva sobre a violência, num contexto diferenciado de práticas comunicacionais hegemônicas. Ou seja, numa reconfiguração da realidade simplista imposta ao bairro da Terra Firme, como sendo um lugar do perigo e da violência. O Coletivo busca ressignificar a realidade a partir do olhar da periferia, enquanto sujeitos sociais.

56

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Célia Regina T. C. **Imprensa Mídia Alternativa**: uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Intercom, 2007.

BANDEIRA, Denize Daudt. Territorialidade Compartilhada: comunicação e cidadania. **Estudos**, Goiânia, v. 38, n.4, p. 671-584, out./dez, 2011.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento instrumento de emancipação social?- uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v, 6, ano 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.

CONTRERAS, Humberto S. H. **Conscientização e Empoderamento**: a crítica da educação popular ao capital social. Disponível em:

http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Popular/Trabalho/12_32_29_3004-6564-1-PB.pdf. Acessado em 26 de junho de 2016.

COSTA, A. C. A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In M. A. Malcher, N. S. Seixas, R. L. Lima, & O. Amaral Filho (Eds.), **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia** (pp. 179-204). Belém: FADESP, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 2ª ed. Porto Alegre. Artmed: 2007.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acessado em 14/06/2016.

Diário do Pará. Disponível em: <http://www.diariodopara.com.br/impressao.php?idnot=146505>. Acessado em 08 de julho de 2016.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Editora Vozes: São Paulo, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Cortes e Moraes. São Paulo: 1979.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOHN, Maria. Empoderamento e participação da Comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, v.13, n. 2, p. 20-31, mai./ago, São Paulo: 2004.

57

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, vazes, 2013.

GONCZEWSKI, Clóvis, MARTIN, NuriaBelosso. **A necessária revisão do conceito de cidadania: Movimentos Sociais e novos protagonistas da esfera pública democrática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere – Os Intelectuais. O Princípio Educativo**. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HOROCHOVSKI, Rodrigo. **Empoderamento: definições e aplicações. 30º Encontro anual da ANPOCS**. Santa Catarina: 2006.

KAUARK, Fabiana S. MANHÃES, Fernanda C. M; MEDEIROS, Carlos H. **Metodologia da Pesquisa – Um guia prático**. Itabuna/BA. Ed. Via Litterarum: 2010.

LIMA, Venício A. de. Comunicação, Poder e Cidadania. Rastros – **Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação**. Nemp-UNB, Ano VII – Nº 7 – Outubro 2006.

LOPES, Michelly de L. e RAMIRES, Julio Cesar de L. (2009): Uma caracterização sócio-espacial da periferia urbana de Urbelândia – MG. **Encontro de Geógrafos da América Latina 12**. ,Montevideo. Anais... Montivideo. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area05/5309_Lopes_Michelly_de_Lourdes.pdf>. Acesso em: 30 de nov. 2016.

LUCKESI, C. C. Educação e cidadania: contribuição da tecnologia educacional. Anais do **18º Seminário de Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro: 1986.

ODALIA, Nilo. A liberdade como meta coletiva. In **História da Cidadania**. PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi, (Orgs). 6ª edição – São Paulo: Contexto, 2013.

OJIMA, Ricardo. A **dicotomia centro-periferia em discussão**: consequências inesperadas e desafios para a gestão nas aglomerações urbanas metropolitanas. 2005. Disponível em <<http://www.anpocs.org/portal/index.php?option318>>. Acesso 28 de nov de 2013.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo: n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

Relatório da CPI das Milícias – Disponível em: <http://www.movimentodeemaus.org/data/material/RELATORIO-FINAL-CPI-das-Milicias-versao-de-entrega-na-grafica3.pdf>. Acessado em 28 de junho de 2016.

ROSO, Adriane; ROMANINI, Moisés. Empoderamento Individual, Empoderamento Comunitário e Conscientização: um ensaio teórico. **Revista Psicologia e Saber Social**. V. 3, n. 1, p. 83-94. Rio de Janeiro: 2014.

SANTOS, R. O. **Periferias urbanas**: ensaio de síntese da produção teórica brasileira. In: X Simpósio Nacional de Geografia Urbana - SIMPURB, 2007, Florianópolis. Anais...Comissão Organizadora do X SIMPURB, 2007. 1 CD-ROM.

SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília: 2010.

SILVA, Maria do Socorro Rocha. SÁ, Maria Elvira Rocha de. Medo na Cidade: estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém (PA). **Argumentum**, Vitória (ES), v.4, n, 2, p. 174-188, jul./dez. 2012.

VARELA, Aida. **Informação e construção da cidadania**. Brasília-DF: Thesaurus. 2007.